

Usos evidenciales dos verbos de cognição suponer e imaginar no espanhol

Evidential uses of the cognition verbs suponer and imaginar in Spanish
Usos evidenciales de los verbos de cognición suponer e imaginar en español

Renata Pereira Vidal

Universidade Federal do Ceará

renatavidal@alu.ufc.br

Nadja Paulino Pessoa Prata

Universidade Federal do Ceará

nadja.prata@ufc.br

Resumo

Este artigo analisa os usos evidenciais dêiticos de *suponer* e *imaginar* no espanhol com o propósito de elucidar suas características gramaticais e a interação com a modalidade epistêmica. Baseamo-nos na *Gramática Discursivo-Funcional (GDF)* (Hengeveld & Mackenzie 2008) e em alguns desenvolvimentos da teoria sobre evidencialidade e modalidade (Hengeveld & Dall'Aglio-Hattner 2015; Dall'Aglio-Hattner & Hengeveld 2016; Hengeveld & Fischer 2018). Seleccionamos as ocorrências a partir do *CORPES XXI* e analisamos quantitativamente nossos dados mediante o *SPSS*. Os resultados mostraram que os verbos (i) diferenciam-se quanto às funções evidenciais desempenhadas: *suponer* veiculou *Inferências*, - e, em um uso parentético, defendemos uma leitura de *Reportatividade* -, e *imaginar*, *Inferência*, *Dedução* e *Percepção de evento*; (ii) aproximam-se no que diz respeito à aparente interação com a dimensão do comprometimento e à localização temporal absoluta *presente*. Na análise morfossintática, verificamos uma tendência geral pela omissão do pronome pessoal, que pode ter sido acentuada pela presença de modalidade epistêmica no *escopo*. A característica morfossintática relativa ao formato da oração completiva mostrou refletir diferenças semânticas em termos de valores evidenciais, estando a *Inferência* e a *Dedução* relacionadas ao formato finito e a *Percepção de evento*, ao formato não finito.

Palavras-chave: evidencialidade, verbo de cognição, espanhol.

Resumen

Este artículo analiza los usos evidenciales deícticos de *suponer* e *imaginar* en español con el fin de dilucidar sus características gramaticales y su interacción con la modalidad epistémica. Nos basamos en la *Gramática Discursivo-Funcional (GDF)* (Hengeveld y Mackenzie 2008) y en algunos desarrollos de la teoría sobre evidencialidad y modalidad (Hengeveld y Dall'Aglio-Hattner 2015; Dall'Aglio-Hattner y Hengeveld 2016; Hengeveld y Fischer 2018). Seleccionamos las ocurrencias a partir del *CORPES XXI* y analizamos cuantitativamente nuestros datos mediante el *SPSS*. Los resultados mostraron que los verbos (i) se diferencian en cuanto a las funciones evidenciales desempeñadas: *suponer* veiculó *Inferencias*, - y, en un uso parentético, defendemos una lectura de *Reportatividad* -, e *imaginar*, *Inferencia*, *Dedución* y *Percepción de evento*; (ii) se acercan en cuanto a la

aparente interacción con la dimensión del compromiso y la ubicación temporal absoluta *presente*. En el análisis morfosintáctico, verificamos una tendencia general a la omisión del pronombre personal, que puede haber sido acentuada por la presencia de modalidad epistémica en el *escopo*. La característica morfosintáctica relativa a la forma de la oración completiva mostró reflejar diferencias semánticas en términos de valores evidenciales, con la *Inferencia* y la *Deducción* relacionadas a la forma finita y la *Percepción de evento*, a la forma no finita.

Palabras clave: evidencialidad, verbo de cognición, español.

Abstract

This article analyzes the deictic evidential uses of *suponer* and *imaginar* in Spanish in order to elucidate their grammatical characteristics and the interaction between evidentiality and epistemic modality. We based our analysis on Functional Discourse Grammar (FDG) (Hengeveld & Mackenzie 2008) and some developments of the theory about evidentiality and modality (Hengeveld & Dall’Aglio-Hattner 2015; Dall’Aglio-Hattner & Hengeveld 2016; Hengeveld & Fischer 2018). We used *CORPES XXI* for the occurrence’s selection, and we quantitatively analyzed our data using SPSS. The results showed that the verbs (i) differ as to the evidential functions performed, *suponer* conveyed *Inferences* - and, in a parenthetical use, we defend a reportative reading-, and *imaginar* *Inference*, *Deduction*, and *Event Perception*; (ii) are close as to the apparent interaction with the dimension of commitment and the absolute temporal location *present*. In the morphosyntactic analysis, we found a general tendency for omitting the personal pronoun, which may have been accentuated by the presence of epistemic modality in the *scope*. The morphosyntactic characteristic related to the form of the completive clause reflects semantic differences in evidential values, with *Inference* and *Deduction* related to the finite form and *Event Perception* to the non-finite form.

Keywords: evidentiality, cognition verb, Spanish.

1. INTRODUÇÃO

Com base em Estrada (2013:17-20), a evidencialidade pode ser concebida como uma categoria semântica por meio da qual o falante inscreve a fonte e o modo de aquisição da informação em seu enunciado, lançando mão de diversos recursos de expressão. Todas as línguas estão dotadas de meios de expressão da origem ou do modo de obtenção da informação, que podem ser de natureza léxica, como *aparentemente*, *según dicen*, *por lo visto*, ou gramatical, com afixos (Bermúdez 2005:1).

O espanhol está caracterizado pela expressão lexical da evidencialidade. Línguas como o inglês, o francês, o italiano, etc. também, conforme afirma Reyes (1994), não contêm morfemas especializados cujo propósito é a expressão da evidencialidade, o que não impede que expressem a categoria em questão. Essa ausência de morfemas evidenciais específicos é definida em Aikhenvald (2004:107) não como a expressão da evidencialidade propriamente dita, mas como “estratégias evidenciais”, em que o significado de marcação de fonte não é primário e obrigatório, como nas línguas em que essa categoria compõe um sistema

gramatical.

Dentre os meios léxicos de expressão da evidencialidade, podemos destacar os verbos de cognição. Tais verbos também são estudados na perspectiva da modalidade epistêmica, contudo, como pontuado por González Ruiz (2015:166), têm florescido, nos últimos anos, propostas que os consideram verbos evidenciais, codificando significados relacionados à fonte da informação e ao seu modo de obtenção. Em nosso estudo, analisamos os verbos de cognição *suponer* e *imaginar* centrando-nos em sua função evidencial. Essa decisão está apoiada em alguns autores como Saeger (2007), Aijón Oliva & Serrano (2010), González Ruiz (2015) e Grajales Alzate (2016), segundo os quais verbos dessa classe são dotados também de valor evidencial.

Os estudos sobre os verbos de cognição como evidenciais em espanhol apresentam propósitos variados. Alguns trabalhos buscam defender sua leitura evidencial a partir de verbos de cognição específicos, com foco na dimensão da inferencialidade, sem atentar-se aos subtipos. Um exemplo é o estudo de Saeger (2007), que, embora faça algumas generalizações sobre um conjunto de verbos cognitivos – incluindo os que analisamos neste trabalho –, centra-se nas formas *pensar* e *creer*, ao conceber a evidencialidade como uma propriedade básica dos verbos cognitivos.

Em González Ruiz (2015:167-168), encontramos algumas suposições muito interessantes a respeito da leitura evidencial dos verbos de cognição, em que o autor postula uma separação entre os verbos que deixam em segundo plano o processo epistemológico, isto é, o modo de obtenção inferencial do conhecimento, importando somente o fato de que essas informações passam a integrar o universo de opiniões do falante, e os verbos para os quais o modo de obtenção da informação é o aspecto mais saliente. Nesse último “bloco”, o autor situa os verbos *suponer* e *imaginar*.

No tocante às formas aqui analisadas, conforme adiantamos na exposição das considerações de González Ruiz (2015:167-168), verbos como *suponer* e *imaginar* parecem configurar um grupo de verbos que se comporta diferentemente no que diz respeito ao modo como enfocam o acesso inferencial da informação. Para o autor, ao contrário do que ocorre com verbos tais como *opino*, *pienso* e *um creo* ‘forte’, de adesão, para os quais o modo de obtenção do conhecimento parece ficar em segundo plano, os verbos *suponer* e *imaginar* se combinam, sem problemas, com expressões de incerteza, ou seja, expressões que estão no domínio do que o autor denomina *epistemicidad débil* (González Ruiz 2015:168). Além disso, González Ruiz (2015:168) relaciona *suponer* – porém expressa suas reservas com relação a *imaginar* – ao início absoluto do discurso na realização de inferências ‘imediatas’. Cappelli (2007:224), no que se refere à forma *suppose* do inglês, e Hennemann (2012:165), no tocante à forma *suponer* do espanhol, verificam um uso parecido ao discutido em González Ruiz (2015:168), ao relacionar casos de realização desse verbo em ambas as línguas a inferências de caráter mais repentino e provisório.

Grajales Alzate (2016) analisa alguns verbos cognitivos, dentre os quais estão *suponer* e *imaginar(se)*, a partir de um *corpus* do espanhol de *Medellín*. Sua análise parece divergir da suposição de González Ruiz (2015:167-168) no tocante a um dos verbos, ao estabelecer a relação entre o verbo *imaginar(se)* e a ênfase à fonte pessoal da inferência. A esse respeito, os dados de Grajales Alzate (2016:354) apontam para a ocorrência exclusiva, no *corpus*, do

verbo com o pronome *se* (*me*, no caso), de modo que seu uso sempre enfatizará a fonte pessoal. O mesmo não ocorrerá com o verbo *suponer*, estando os resultados da análise do referido verbo mais consoante com a hipótese de González Ruiz (2015:167-168).

Apesar de a função evidencial dos verbos de cognição ser reconhecida, e não é à toa que é nessa perspectiva que os analisamos aqui, conforme evidencia Hennemann (2012), nem sempre é possível diferenciar entre as categorias linguísticas de evidencialidade e modalidade epistêmica; no caso específico dos verbos dessa classe,¹ segundo a autora, as categorias parecem estar entrelaçadas (Hennemann 2012:167).

A relação entre os valores de evidencialidade e modalidade epistêmica é matéria de discussão no âmbito da evidencialidade de cálculo mental, dentro do qual se localizam os verbos de cognição, o que tem gerado diferentes posicionamentos como (i) a *inclusão* ou *disjunção* entre essas categorias ou a *sobreposição* de uma com relação à outra (Dendale & Tasmowski 2001), e (ii) a existência do domínio da *epistemicidade*, no qual se encontrariam as duas categorias (Boye 2012). Com base nos desenvolvimentos da *GDF* sobre as categorias qualificacionais (Hengeveld & Dall’Aglío-Hattner 2015; Dall’Aglío-Hattner & Hengeveld 2016; Hengeveld & Fischer 2018), concebemos a evidencialidade e a modalidade epistêmica como categorias separadas, o que torna possível a coocorrência de ambas.

Com essa exposição, pretendemos mostrar que os verbos de cognição em espanhol, precisamente *suponer* e *imaginar*, necessitam ainda de descrição no que se refere tanto à polissemia das formas no domínio da evidencialidade quanto às características gramaticais do enunciado evidencial na totalidade. Justificamos, assim, o estudo pela necessidade de realizar uma descrição de seus usos evidenciais, em *corpus* de língua espanhola, com foco na caracterização dos subtipos evidenciais que essas formas podem veicular e nas características gramaticais dos enunciados evidenciais, de tal modo que possamos responder a algumas questões de pesquisa. A questão central diz respeito a se os verbos *suponer* e *imaginar* em seus usos dêiticos expressam diversos valores evidenciais, com base na tipologia da *GDF*.

Defendemos que os verbos analisados, quando usadas com função evidencial, caracterizar-se-ão pela veiculação de cálculos mentais do falante, expressando as subcategorias do *Nível Representacional Inferência e Dedução*. A *Citativa* e a *Reportatividade*, de outra forma, não caracterizarão os usos evidenciais dos referidos verbos, como pode ser o caso dos verbos de cognição que se associariam ao que Schwanenflugel *et al.* (1994) denominam *Componente de Memória* (Schwanenflugel *et al.* 1994:385), conforme sugere Prata & Vidal (2022) em sua análise de *saber* com uso evidencial.

Além disso, indagamos sobre as características gramaticais dos enunciados evidenciais de *suponer* e *imaginar* em língua espanhola, com um olhar atento (i) à relação entre esses verbos e a ênfase ou não à fonte pessoal, e (ii) à combinação com construções modais epistêmicas, o que nos auxiliará em nossa busca por descrever como os usos evidenciais dos verbos sob análise interagem com a categoria de modalidade epistêmica.

¹ Essa conclusão é alcançada com base na análise dos verbos de cognição *creer*, *pensar*, *saber* e *suponer*.

Para a classificação dos usos evidenciais, adotamos a tipologia da *GDF*, mais especificamente a proposta de Hengeveld & Dall’Aglío-Hattner (2015) e Hengeveld & Fischer (2018), na qual a evidencialidade é definida em termos de cinco subcategorias evidenciais – *Citativa*, *Reportatividade*, *Inferência*, *Dedução* e *Percepção de evento*-, cada uma delas atuando em uma camada da estrutura gramatical proposta no modelo da *GDF*.

No tocante à organização do trabalho, apresentamos, na próxima seção, o suporte teórico-metodológico adotado; em seguida, os procedimentos metodológicos empreendidos; e, posteriormente, a análise dos usos de *suponer* e *imaginar* com valor evidencial.

2. EVIDENCIALIDADE NA *GDF*

A *GDF* é um modelo em camadas, cuja arquitetura busca refletir de modo aproximado a organização do processamento da linguagem. O modelo se organiza de forma descendente (*top-down*), partindo da intenção, que tem lugar em um Componente pré-linguístico, o Conceitual, para a articulação, finalizando em um Componente de Saída, responsável por gerar expressões acústicas, ortográficas e gestuais. A *GDF*, como parte de uma teoria de interação mais ampla que é, interage também com um *Componente Contextual*, responsável por informações imediatas e de longo prazo. A estrutura interna do *Componente Gramatical*, que é o foco principal da *GDF*, propriamente, está organizada a partir de duas grandes operações: (i) *Formulação*, que lida com aspectos pragmáticos e semânticos, respectivamente em seus *Níveis Interpessoal* e *Representacional*, e (ii) *Codificação*, que trata dos aspectos da codificação morfossintática e fonológica, nos *Níveis Morfossintático* e *Fonológico* (Hengeveld & Mackenzie 2008).

No tocante à tipologia de evidencialidade, em Hengeveld & Dall’Aglío-Hattner (2015) e Hengeveld & Fischer (2018), definem-se cinco subcategorias evidencias. A *Reportatividade* indica que a fonte da informação que o falante veicula é outro falante, de modo que o conteúdo veiculado é transmitido e não originalmente produzido (Hengeveld & Dall’Aglío-Hattner 2015:484). Dessa forma, essa subcategoria evidencial atuará no *Nível Interpessoal*, no *Conteúdo Comunicado*, camada que contém tudo o que o *Falante* deseja evocar ao seu *Ouvinte* em uma interação (Hengeveld & Mackenzie 2008:87), ou no *Subato de Atribuição*, que corresponde a uma tentativa de atribuição, por parte do *Falante*, de uma categoria semântica (Hengeveld & Mackenzie 2008:108). Hengeveld & Fischer (2018:348-349), a partir dos fatos da língua A’ingae, incorporam a evidencialidade *Citativa*, que indica que a fala da pessoa reportada está sendo transmitida literalmente. Esse subtipo atua na camada do *Ato Discursivo* (menor unidade comunicativa).

A *Inferência* indica que o conhecimento veiculado foi inferido com base no conhecimento existente do falante (Hengeveld & Dall’Aglío-Hattner 2015:485). Esse subtipo atuará no *Nível Representacional*, na camada do *Conteúdo Proposicional*, definido, em Hengeveld & Mackenzie (2008:144), como um construto mental, podendo constituir peças de conhecimento ou crenças sobre o mundo real.

A *Dedução* indica que o conhecimento veiculado foi alcançado com base em evidência de natureza perceptual. Essa subcategoria atuará também no *Nível Representacional*, na camada do *Episódio*, definido como um ou mais *Estados-de-Coisas* tematicamente coerentes, por

mostrarem unidade ou continuidade de *Tempo*, *Locação* e *Indivíduos*, camadas também no *Nível Representacional* (Hengeveld & Mackenzie 2008:157). A *dedução* ocorre nessa camada tendo em vista envolver, necessariamente, pelo menos dois *Estados-de-Coisas*, o percebido pelos sentidos (visão, audição, olfato, etc.), responsável por fornecer a evidência, e o deduzido (Hengeveld & Dall’Aglio-Hattner 2015:486).

A *Percepção de evento* indica se o falante testemunhou ou não, de modo direto, um *Estado-de-Coisas* acontecer (Hengeveld & Dall’Aglio-Hattner 2015:487). Dessa maneira, atuará no *Nível Representacional*, na camada do *Estado-de-Coisas*, entidade que pode ser localizada no espaço e no tempo e ter seu *status* de realidade avaliado, conforme definem Hengeveld & Mackenzie (2008:166).

A seguir, descremos os procedimentos metodológicos empreendidos na pesquisa para a análise dos usos evidenciais dêiticos dos verbos de cognição *suponer* e *imaginar* no espanhol.

3. METODOLOGIA

Para a realização dessa investigação, selecionamos ocorrências evidenciais a partir de um *corpus* de referência, o *Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES XXI)*, versão 0.91. Devido à sua extensão, delimitamos o material selecionando a apenas textos escritos do ano de 2016 oriundos da Espanha e dos suportes *Livro* e *Textos jornalísticos*.

O *CORPES XXI* em sua versão 0.91 está constituído de textos orais e escritos, oriundos dos 21 países onde o espanhol é língua oficial. O material também consta de textos advindos dos Estados Unidos e das Filipinas. Por ser um *corpus* de referência, o *CORPES XXI* apresenta uma grande extensão, comportando textos desde o período de 2001 e de uma variedade de *Suportes (Livros, Publicações jornalísticas, Material da internet e Miscelânea)*, *Tipologias textuais (Acadêmico, Biografia memória, Blog, Crítica etc.)*, *Temas (Novela, Teatro, Relato e Roteiro)* e *temáticas (Atualidade, ócio e vida cotidiana; Arte, cultura e espetáculos; Ciências sociais, crenças e pensamento)*. Para nossa delimitação, obedecemos a alguns critérios como: (i) etapa mais recente da versão usada; (ii) relevância quantitativa dos meios, da origem e dos suportes que compõem o *corpus*. Por exemplo, no que se refere ao meio *escrito*, seu total corresponde a 90% do material, o que nos levou a selecioná-lo. A Espanha, sozinha, comporta 30% do total do *CORPES XXI*. Os suportes *Livro* e *Textos jornalísticos* foram os escolhidos dada a sua grande proporção.

O trabalho consiste em uma análise quanti-qualitativa. Os dados quantitativos foram gerados mediante o *SPSS (Statistical Package for Social Science)*. As categorias de análise foram elaboradas com base nos *Níveis Interpessoal (NI)*, *Representacional (NR)* e *Morfossintático (NM)* da *GDF*. A discussão proposta neste trabalho parte de dados obtidos na análise quantitativa, os quais nos permitiram elucidar características e tendências no que se refere ao comportamento evidencial dos verbos.

No que se referem às subcategorias evidenciais, selecionamos como categorias de análise aquelas que atuam no *NI (Citativa – camada do Ato Discursivo; Reportatividade – camada do Conteúdo Comunicado ou do Subato de Atribuição)* e no *NR (Inferência – camada do Conteúdo Proposicional; Dedução – camada do Episódio; Percepção de evento – camada do Estado-de-Coisas)*.

Para o *NI*, selecionamos uma categoria relativa aos operadores da camada do *Participante*. Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008:84-86), a camada do *Participante* envolve dois participantes em interação, que se alternam como *Falante* e *Ouvinte*. Operadores dessa camada serão os responsáveis por representar muitas das operações gramaticais sobre a expressão dos *Participantes*, cujas propriedades gramaticalmente relevantes estão listadas no *Componente Contextual*. O que ocorre é que essas propriedades podem ser copiadas como operadores para a camada do *Participante – Falante* ou *Ouvinte* -, em cada *Ato Discursivo*. Um exemplo dado pela *GDF* são os operadores para número, que podem ser *singular*, *dual*, *trial*, *paucal* ou *plural*. A seleção dessa categoria para nossa análise se justifica pelo fato de estarmos considerando apenas os usos dêiticos dos verbos de cognição *suponer* e *imaginar*. Assim sendo, entendemos que a fonte da informação, não sendo unicamente o *Falante*, será algum tipo de *Participante* plural incluindo o *Falante*, conforme demonstra o exemplo (*Numa petição:*) *Declaramos que não temos confiança na gestão*,² de Hengeveld & Mackenzie (2008:85), para o qual aplica-se o operador *plural* à representação abstrata produzindo um ‘nós’ no sentido de ‘grupo contendo o falante’, segundo os autores. Essa categoria é relevante para uma possível expressão da *Reportatividade*, subtipo que, por vezes, relaciona-se a fontes de tipo ‘grupo’, ‘instituição’, etc.

Para o *NR*, consideramos a expressão da modalidade epistêmica, para que descrevêssemos a interação (se houver) entre evidencialidade e outras categorias qualificacionais nos usos evidenciais dêiticos de *suponer* e *imaginar*. Baseamo-nos na classificação de Dall’Aglio-Hattner & Hengeveld (2016) para modalidade. Analisamos também as características temporais desses verbos evidenciais, relativamente à localização absoluta dos marcadores evidenciais no tempo.

Alinhando aos aspectos da *Formulação* considerados como categorias de análise, selecionamos, para o *NM*, algumas categorias por meio das quais pudéssemos descrever as características da *Codificação* dos enunciados evidenciais. Dessa forma, definimos (i) os dois verbos sob análise, de modo que pudéssemos contrastá-los no que diz respeito aos subtipos evidenciais que veiculam; (ii) o tempo morfossintático dos dois evidenciais, a fim de descrever as escolhas usadas para codificar os aspectos da *Formulação* relativos ao tempo semântico e à expressão da modalidade epistêmica, considerando que esta pode ser codificada também por tempos verbais; (iii) a presença de auxiliar modal na encaixada, para o propósito de descrição da interação entre evidencialidade e modalidade; (iv) o formato da oração completiva, para verificarmos como as diferenças semânticas dos valores evidenciais são refletidas na codificação; e (v) a realização pronominal na forma de pronome sujeito ou dativo, a fim de verificar se a fonte *Falante* ou alguma outra fonte que inclua o *Participante Falante* é enfatizada.

4. USOS EVIDENCIAIS DE SUPONER E IMAGINAR

² Tradução nossa de: (In a petition:) We declare that we have no confidence in the management (Hengeveld & Mackenzie 2008:85).

Ao focalizarmos a expressão evidencial desses dois verbos, verificamos 29 casos de *suponer* e 14 de *imaginar*. A Tabela 1 ilustra a distribuição das ocorrências no que se referem às subcategorias evidenciais.

Tabela 1. Subcategoria evidencial *versus* Verbo de cognição

		Verbo de cognição				Total	
		<i>Suponer</i>		<i>Imaginar</i>		N	%
		N	%	N	%		
Subcategoria evidencial	Inferência	29	100,0 %	11	78,6%	40	93,0%
	Dedução	0	0,0%	2	14,3%	2	4,7%
	Percepção de evento	0	0,0%	1	7,1%	1	2,3%
Total		29	100,0 %	14	100,0 %	43	100,0%

Na análise dos subtipos evidenciais, constatamos que o verbo *suponer* expressou exclusivamente a *Inferência*. A forma *imaginar*, com 14 casos, expressou os três subtipos do NR, sendo a *Inferência* a que mais se manifestou.

A expressão da *Inferência*, que ocorreu em 93% dos casos de uso evidencial dos dois verbos, caracteriza o conhecimento veiculado como produzido pelo falante, a partir de um cálculo mental que lança mão de um conhecimento armazenado em sua mente.

Em (1) e (2), é possível visualizar a base para o cálculo mental e, por conseguinte, a função evidencial da forma verbal.

(1) —No sé qué es la felicidad. *Supongo que se trata de una ciencia que tú dominas. Se te ve hecha una experta. Yo me limito a respirar, a cumplir con mi trabajo, a hacer compañía a la ama. Con eso tengo suficiente.* (CORPESXXI – OCOⁿ4.405060)³

³ Codificação das ocorrências:

- Bloco de ficção (40);
- Bloco de não ficção (41);
- Suporte *Livro* (50);
- Suporte *Publicações jornalísticas* (51);
- Tema *Novela* (60);
- Tema *Teatro* (61);
- Tipologia textual *Divulgação* (75);
- Tipologia textual *Entrevista* (77);
- Tipologia textual *Notícia* (80);
- Temática *Atualidade, ócio e vida cotidiana* (90);
- Temática *Arte, cultura e espetáculos* (91);

Em (1), o *Conteúdo Proposicional* (com destaque em itálico, na cor laranja) foi inferido pelo falante a partir de uma percepção que ele teve com relação a seu interlocutor. O fragmento em itálico nos orienta acerca da base de conhecimento utilizada para a operação de raciocínio, uma vez que o falante usa dessa percepção sobre o seu ouvinte enquanto um especialista para reforçar a conclusão de que se trata de uma ciência a qual ele domina.

No exemplo (2), o falante infere que “está falando grego” para seu interlocutor uma vez que este é um pistoleiro, logo, não entenderia nada sobre amor.

(2) —Vivo con la persona que me ama y a la que amo. *Imagino que **para ti hablo en chino.*** ¿Qué va a entender de amor un pistolero? (CORPESXXI – OCO n°36.405060)

A expressão da *Dedução*, que ocorreu em 4,7% do total de casos, caracteriza o conhecimento veiculado como produzido pelo falante, a partir de um cálculo mental que lança mão de evidência de natureza sensorial. Em (3), o falante recupera a evidencial perceptual ao rememorar um evento do passado, que usa de base para a operação de raciocínio. A camada do *Episódio* é destacada em itálico, na cor verde.

(3) Incluso ahora, recordando aquello, los nombres de los sitios, *la cara de algunos individuos* se me pone como un nudo de repugnancia en la boca. Perdona que me exalte. No me gustaban *ciertas miradas*. *Imagino que **Josune hizo propaganda contra mí.*** Pero no sólo ella. (CORPESXXI – OCO n°32.405060)

A partir do contexto do uso evidencial de *imaginar*, podemos recuperar, pelos fragmentos em itálico, estímulos que o falante parece ter percebido pelo sentido visão (a cara de alguns indivíduos, certos olhares) a partir dos quais o falante deduz “*Josune hizo propaganda contra mí*”. Em (4), a apreciação que o falante faz de seu interlocutor também tem como ponto de partida um estímulo visual. Vejamos:

(4) *Observa fascinado sus labios y por un momento le resulta indiferente que ella lo note. Esos labios cuando Aránzazu habla y cuando le da una calada elegante, ¿coqueta?, al cigarrillo. Labios frescos, femeninos, bien torneados, que se mueven naturales y, al pronunciar la u, insinúan un beso fugaz en el aire. Labios encantadores por los que él, ahora mismo, pasaría despacio la lengua (...)*

—¿Qué miras?

—*Imagino que **te habrán dicho con frecuencia que eres muy guapa.***

—O sea, que no me estás escuchando.

—Imposible. (CORPESXXI – OCO n°33.405060)

Nesse exemplo, é possível observar que o falante chega à conclusão apresentada quando observa com fascínio seu interlocutor e identifica certas características, a partir das quais

- Temática *Ciências sociais, crenças e pensamento* (92);

- Temática *Ciências e tecnologias* (93);

- Temática *Política, economia e justiça* (94).

ocorre a *Dedução*. Os estímulos perceptuais mais o conhecimento de mundo atuam juntos na geração de conhecimento a partir de operações de raciocínio.

A expressão da *Percepção de evento*, que ocorreu em 2,3% da totalidade dos casos, caracteriza o conhecimento veiculado como diretamente percebido, o que indica que o falante testemunhou o *Estado-de-Coisas* acontecendo, como em (5). A camada do *Estado-de-Coisas* é destacada em itálico, na cor vinho.

(5) —No he conocido a nadie que cocine mejor que ella. Me la *imagino* en estos momentos ***friendo pescado en casa***. Nosotros siempre cenamos pescado. *Hasta aquí me llega el olor. ¿No lo hueles? ¿No hueles los salmonetes rebozados y el ajo frito?* (CORPESXXI – OCO n°35.405060)

Esse *Estado-de-Coisas* percebido é, em realidade, fruto da imaginação. Essa subjetividade é inclusive reforçada pelo uso do pronome dativo “*me*”, ao qual retornaremos mais adiante. Bermúdez (2005:148) menciona que casos como o que ocorre em (5) caracterizam-se por um tipo de evidência direta que não provém dos sentidos (tipo *Endofórica*), em outras palavras, “[...] em referência a uma situação descrita S, o falante experimentou S diretamente, mas não mediante um contato sensorial. É o caso, por exemplo, da imaginação ou dos desejos [...]” (Bermúdez 2005:148).⁴ Afirma o autor que esse domínio pode ser visto também como tendo relação com a ‘criação’ e a ‘abertura de mundos’. Verbos como *pintar*, *componer*, *fotografar* são citados como exemplo.

Poder-se-ia argumentar que, em (5), não estaríamos diante de um caso de *Percepção de evento*, já que não temos concretamente um *Falante* testemunhando, naquele momento e espaço, um evento acontecer. Claro está que se trata de um caso de evidencialidade (e do tipo direta), conforme argumenta Bermúdez (2005:148), razão pela qual temos que considerar tal ocorrência. Entretanto, trata-se de um caso em que o falante cria, primeiramente, uma situação em sua mente, isto é, imagina-a, e, dentro desse mundo imaginário, o falante testemunha a cena. Temos, portanto, dois mundos: o real, referente à situação comunicativa descrita em (5), e o criado pela imaginação do falante, dentro do qual se inscreve a situação em que ocorre a *Percepção de evento*. Interessante é o esforço do falante em aproximar essa cena, fruto de sua imaginação, ao mundo real, mencionando o cheiro da comida.

Acerca dos subtipos evidenciais do *NI*, conforme já esperávamos, não verificamos a expressão da *Citativa* e da *Reportatividade* nos usos dos verbos *suponer* e *imaginar* considerados na análise. Contudo, houve um caso de uso parentético⁵ que defendemos estar veiculando um *Conteúdo Comunicado* cuja fonte é um *Participante* que inclui o *Falante*.

⁴No original: “[...] en referencia a una situación descrita S, el hablante ha experimentado S directamente, pero no mediante un contacto sensorial. Es el caso por ejemplo de la imaginación o los deseos [...]” (Bermúdez 2005:148).

⁵ É necessário mencionar que não efetuamos a análise quanti-qualitativa minuciosa dos empregos parentéticos, devido à variedade de funções que podem desempenhar, dentre as quais está a função a evidencial (cf. Urmsom 1952; Fraser 1980; Schneider 2007; Andersen 2007; Hennemann 2016). Entretanto, justamente pela possibilidade de uma leitura evidencial, não ignoramos em nossa análise as ocorrências parentéticas.

Vimos que os usos evidenciais de *suponer* expressaram somente a subcategoria evidencial *Inferência*. No entanto, ao observar seus empregos parentéticos, verificamos um uso que parece indicar que a informação veiculada se trata de um *Conteúdo Comunicado*, visto que o falante “reporta” uma conclusão feita em outro momento por um grupo de pessoas contendo o *Falante*, conforme indica a caracterização do *Participante* como *plural*, mediante o uso do verbo na primeira pessoa do plural.

(6) "Lo llevaron hasta una antena, una repetidora muy cerca de Panduro, y ahí lo torturaron, lo golpearon, lo mataron. **Le aplastaron el cráneo con una piedra, suponemos.**⁶ La autopsia establecerá aquello. Y de ahí lo arrojaron a un barranco", informó el ministro de Trabajo, Gonzalo Trigos. (CORPESXXI – OCO n°3.P41519480)

A perspectiva intersubjetiva que o falante dá à informação indica que se trata de uma conclusão à qual chegou um grupo de pessoas anteriormente, com base em certos indícios. Ao ser indagado acerca do ocorrido, o falante compartilha a informação que contém uma conclusão obtida, e não somente por ele, mas por um grupo que o inclui, dando um efeito de informação “reportada”. Não se trata da *Dedução* propriamente, uma vez que o efeito não é o de que temos um falante veiculando uma conclusão sua obtida a partir da observação de certos indícios no crânio e no entorno do crime. O que faz o falante é reportar, no tempo absoluto presente, a conclusão que circulou em um determinado momento anterior ao da enunciação. Consideramos, portanto, um caso de *Reportatividade*, dada a escolha do falante em caracterizar a fonte da informação como um grupo que o inclui. Quanto à expressão das subcategorias *Inferência*, *Dedução* e *Percepção de evento*, a fonte tratou-se do *Participante Falante*, como já estava pressuposto a partir da própria definição desses subtipos evidenciais.

O parentético, em (6), parece tratar-se de um *Move*, que é acrescido com o propósito de especificar que a informação se trata de uma conclusão obtida por um grupo de pessoas. O *Move*, na *GDF*, é a unidade mais alta do *Nível Interpessoal* e consiste em uma contribuição autônoma para o discurso em desenvolvimento; é uma reação ou abre a possibilidade para uma reação, daí sua característica de ter um efeito perlocucionário. Segundo a teoria, o *Move* é uma unidade que deriva das intenções comunicativas do falante. Dessa forma, este poderá realizar *Moves* que interrompem o discurso a fim de fornecer informações que são importantes do ponto de vista de seus propósitos comunicativos (cf. Hengeveld & Mackenzie 2008: 51-52).⁷

A consideração de parentéticos como um *Move* já havia sido feita por Garcia & Pezatti (2013), para o que denominaram concessivas independentes, as quais são inseridas no discurso como um parêntese, com o propósito de adicionar um comentário para preservar a face ou meramente acrescentar uma observação.

⁶ O grifo em negrito pertence ao texto original.

⁷ Por razões de espaço, não trouxemos para o artigo a exemplificação da *GDF* sobre o uso estratégico de *Moves* no fornecimento de informações relevantes para o alcance dos objetivos comunicativos do falante. Em Hengeveld & Mackenzie (2008-51-52), discute-se um fragmento narrativo no qual o falante realiza uma série de interrupções que são estrategicamente determinadas, a fim de que possa fornecer as informações necessárias para que o destinatário entenda adequadamente a parte da história narrada.

Na análise do tempo semântico, constatamos que a localização temporal absoluta da manifestação da evidencialidade pelos verbos *suponer* e *imaginar* é o *presente*, codificado no tempo verbal presente do indicativo. Conforme demonstra a Tabela 2, 100% das inferências mediante *suponer* ocorrem no tempo absoluto *presente*.

Tabela 2. Tempo absoluto *versus* Verbo de cognição

		Verbo de cognição				Total	
		<i>Suponer</i>		<i>Imaginar</i>		N	%
		N	%	N	%		
Tempo absoluto	Presente	29	100,0%	13	92,9%	42	97,7%
	Passado	0	0,0%	1	7,1%	1	2,3%
Total		29	100,0%	14	100,0%	43	100,0%

Com o verbo *imaginar*, a *Dedução* e a *Percepção de evento* ocorreram no *presente* e a quase totalidade das *inferências* (92,9%) também apresentou essa localização temporal, com apenas um caso no tempo absoluto *passado*, codificado no pretérito imperfeito do indicativo (cf. exemplo (18)). No caso do verbo *suponer*, essa preferência pelo presente reforça uma característica de seus usos relacionada à veiculação de inferências de caráter provisório e repentino, apontada por Cappelli (2007:224), para a forma *suppose*, do inglês, e também observada no espanhol por Hennemann (2012:165).

Acerca da expressão da modalidade epistêmica, observamos certa recorrência entre os usos evidenciais dos verbos cognitivos *suponer* e *imaginar* e a modalidade epistêmica objetiva (Dall’Aglío-Hattner & Hengeveld 2016) sob seu *escopo*, conforme mostra a Tabela 3.

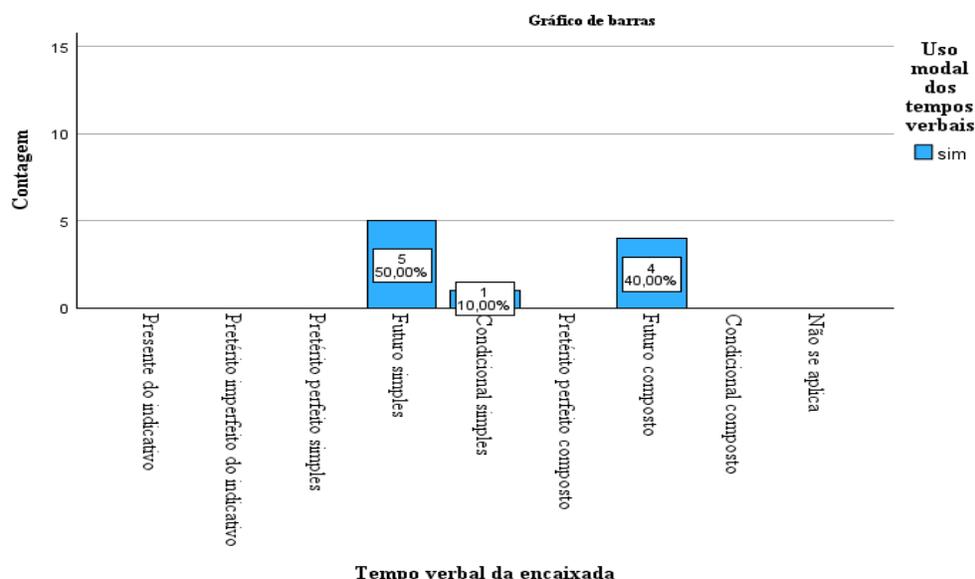
Tabela 3. Modalidade epistêmica no *escopo versus* Verbo de cognição

		Verbo de cognição				Total	
		<i>Imaginar</i>		<i>Suponer</i>		N	%
		N	%	N	%		
Modalidade epistêmica no <i>escopo</i>	Não	9	64,3%	22	75,9%	31	72,1%
	Sim	5	35,7%	7	24,1%	12	27,9%
Total		14	100,0%	29	100,0%	43	100,0%

Os dados mostram que a modalidade no *escopo* do uso evidencial do verbo *imaginar* ocorreu em 35,7% dos casos. Já com o verbo *suponer*, a expressão da modalidade se deu em 24,1%. Na grande maioria dos casos, foram os tempos verbais os responsáveis por veicular a modalidade epistêmica. Os exemplos (4), (7)-(11) e (12)-(15) correspondem à totalidade dos usos modais dos tempos verbais.

No Nível Morfossintático, três tempos verbais foram utilizados na codificação da modalidade. Vejamos:

Gráfico 1. Tempo morfossintático da encaixada *versus* Uso modal



O *Futuro simples* foi o mais frequente, com 50% do total dos casos, seguido do *Futuro composto*, com 40%. O *Condicional simples* codificou a modalidade epistêmica somente em 10% dos casos de uso não temporal do verbo da encaixada. Salientamos que o *Futuro composto* expressou exclusivamente valor modal na totalidade de sua ocorrência. Os seguintes exemplos ilustram os usos dos referidos tempos com função modal.

(7) Que por cierto, he sabido que vas todos los días al pueblo y me parece muy bien. *Imagino que **tú también andarás buscando algo***. (CORPESXXI – OCOⁿ306.405060)

(8) —*Imagino que **lo estaréis pasando muy mal. Lo siento de veras, Xabier***. Barkatu. (CORPESXXI – OCOⁿ305.405060)

(9) *Supongo que la ama, tan devota de Ignacio de Loyola, **sabrá que también el santo fue en su juventud un hombre de armas*** (...) (CORPESXXI – OCOⁿ254.405060)

(10) Donde vivimos no hay problema, es un sitio tranquilo, no hay problemas con los poblados nubios. Y además hay otra circunstancia: *ellos supieron que yo era médico y hay verdaderas riadas de gente por la tarde que va a ver al doctor. Supongo que **nos tratarán también bien por eso***. (CORPESXXI – OCOⁿ261.41519277)

(11) "Muchas cosas que se están diciendo en los medios de comunicación sobre el caso de Belén Esteban **son verdad**", *comenta una persona que le ha visto trabajar durante años. "Supongo que **estará muy afectado con esta situación, pero se lo ha ganado***. Toño es una persona desequilibrada".⁸ (CORPESXXI – OCOⁿ270.41519080)

⁸ Os grifos em negrito em "(...) sobre el caso de Belén Esteban **son verdad**" e "*Supongo que **estará muy afectado con esta situación, pero se lo ha ganado***" são do próprio texto.

Em (7)-(11), temos o tempo *Futuro simples* expressando significados exclusivamente modais, tendo em vista não exercer função temporal nenhuma de ulterioridade. Nesses exemplos, dá-se a interação das categorias evidencialidade e da modalidade epistêmica objetiva, que consiste na caracterização de um *Episódio* em termos de sua (im)possibilidade de ocorrer à vista de um conhecimento de mundo (Dall’Aglío-Hattner & Hengeveld 2016:2-3). A partir dessa interação, poder-se-ia falar de uma sobreposição dos significados de evidencialidade e da modalidade epistêmica relacionada à expressão do grau/tipo de comprometimento com relação ao *Conteúdo Proposicional*⁹ nos usos de *suponer*, considerando que o falante expressa suas reservas com relação ao seu *Conteúdo Proposicional* inferido, ao escolher modalizar o evento contido nele no lugar de apresentá-lo assertivamente (“*Supongo que nos tratan...*”), combinação que parece imprimir um efeito de um menor comprometimento.

Conforme mostramos no Gráfico 1, o *Futuro composto* também foi usado na codificação da modalidade. Destacamos que esse tempo verbal veiculou, em todos os seus empregos, um valor modal (cf. (4). Vejamos:

(12) P. Lo de no tirar raquetas, ni de niño. Pero *me imagino* que ***alguna vez habrá tenido la tentación de hacerlo***. (CORPESXXI – OCOⁿ313.41519077)

(13) —Bueno, *supongo* que ***algo habrá hecho***. *No creo que esté en la cárcel por llevar un pendiente*. (CORPESXXI – OCO251.405060)

(14) —*Supongo* que ***tu madre te habrá contado que he venido a despedirme***. *Es verdad. Igual que se lo dije ayer a ella, te lo digo a ti ahora*. (CORPESXXI – OCOⁿ250.405060)

Nos exemplos ilustrados, o valor temporal é abstraído maximamente de modo que o *Futuro composto* não está funcionando como um tempo relativo, isto é, anterior a outro posterior com relação ao momento da fala (Real Academia Española 2009).

O único caso de uso modal do *Condicional simples* é ilustrado a seguir:

(15) *Supongo* que ***en algún momento Luis y Mariano mantendrían conversaciones sobre el asunto***. *Eran íntimos amigos*. (CORPESXXI – OCO255.41509075)

Em menor medida, verificamos a ocorrência da modalidade mediante um auxiliar modal nos usos evidenciais dos verbos *suponer* e *imaginar*.

(16)¹⁰ **Joven**: ¿De qué huye?

Marina: La verdad es que precisamente hoy me enfadé mucho con ellos porque hablaban de mí como si yo hubiera perdido el juicio o algo parecido, *ya no lo recuerdo bien, no sé, supongo* que ***puede ser que también huya de mí misma o que huyo para llamar su atención...*** (CORPESXXI – OCOⁿ259.405061)

(17) Porque *imagino* que, como nosotros, Adán y Eva, a pesar de sus complicaciones, ***deben de sentirse en cierta medida aliviados***. (CORPESXXI – OCOⁿ317.41509375)

⁹ Modalidade epistêmica subjetiva (Hattner & Henegveld 2016:4).

¹⁰ Os grifos em “Joven” e “Marina” são do texto original.

Particularmente interessante é o exemplo (16), no qual é possível observar a utilização de construções que reforçam a incerteza do falante, deixando mais evidente a relação da forma verbal com a dimensão do comprometimento. Sobre a expressão de modalidades no *escopo* da evidencialidade, entendemos que elas corroboram a leitura evidencial, uma vez que apontam para a dimensão das evidências, no caso da modalidade epistêmica objetiva, por caracterizar um *Episódio* como (im)possível de ocorrer, *à vista de um conhecimento de mundo* (Hengeveld & Dall’Aglio-Hattner 2016).¹¹

Ao analisarmos a codificação morfossintática referente à expressão do conhecimento veiculado, constatamos que diferenças semânticas no que se refere ao subtipo evidencial manifestado são refletidas na codificação em distinções no formato da oração completiva, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4. Formato da oração completiva *versus* Subcategoria evidencial

		Subcategoria evidencial						Total	
		Inferência		Dedução		Percepção de evento		N	%
		N	%	N	%	N	%		
Formato da oração completiva	Finita	40	100,0%	2	100,0%	0	0,0%	42	97,7%
	Não-finita	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	1	2,3%
Total		40	100,0%	2	100,0%	1	100,0%	43	100,0%

Com base nos dados, parece que os verbos tendem a encaixar orações na forma finita, um dado já esperado, pois, segundo Comesaña (2002:252), o esquema Sujeito-Complemento Direto clausal, introduzido por *que*, é o tido como prototípico.¹² A partir da Tabela 4, podemos inferir que, com os verbos *suponer* e *imaginar*, as diferenças semânticas dos valores evidenciais *Inferência* e *Dedução* não são refletidas na codificação, diferentemente do que ocorre com o subtipo *Percepção de evento*. Nesse sentido, a análise demonstra que um verbo considerado ‘cognitivo’, ao veicular o subtipo evidencial *Percepção de evento*, parece caracterizar-se por uma codificação não finita do *Estado-de-coisas* sob seu *escopo*, enquanto, na expressão dos outros valores evidenciais do *NR*, a representação morfossintática do conhecimento se dá na forma de uma oração finita. Tal característica morfossintática corrobora dita leitura evidencial, uma vez que aponta para a característica temporal de

¹¹ Grifo nosso.

¹² A segunda construção mais frequente no estudo de Comesaña (2002:252) é a do objeto na forma de um clítico. Para classificar a expressão do contexto morfossintático, observamos se a oração substituída pelo clítico era simples ou composta.

simultaneidade requerida na manifestação desse subtipo, conforme indicam as verificações de Hengeveld & Dall’Aglio-Hattner (2015:490-491) sobre evidencialidade e tempo.¹³

Ao longo das análises aqui empreendidas, elucidamos aspectos da *Formulação* dos usos evidenciais dos verbos de cognição *suponer* e *imaginar* e como elas são representadas morfossintaticamente na operação de *Codificação*. A seguir, analisamos um aspecto da codificação que, conforme discutimos na introdução, reflete a escolha do falante em focalizar a fonte pessoal no enunciado evidencial.

Nos usos evidenciais verificados, constatamos que o verbo *suponer* não apresentou casos de realização pronominal. O verbo *imaginar*, por outro lado, manifestou-se de três maneiras: com o pronome omitido, com pronome dativo (*me*) e com ambos os pronomes, conforme demonstra a Tabela 5.

Tabela 5. Realização pronominal *versus* Verbo de cognição

		Verbo de cognição				Total	
		<i>Imaginar</i>		<i>Suponer</i>		N	%
Realização pronominal		N	%	N	%		
	Com ambos (pessoal e dativo)	1	7,1%	0	0,0%	1	2,3%
	Com pronome dativo	4	28,6%	0	0,0%	4	9,3%
	Sem pronome	9	64,3%	29	100,0%	38	88,4%
Total		14	100,0%	29	100,0%	43	100,0%

O exemplo (18) ilustra o único caso de concomitância dos pronomes sujeito e dativo.

(18) —La ama estaba preocupada porque no volvías.

—Ya le he dicho que tenía asuntos que resolver antes de dejar Zaragoza.

—Es lo que *yo me imaginaba*. ¿Asuntos de la universidad?

—Asuntos del corazón. (CORPESXXI – OCO n°309.405060)

Acerca de *suponer*, vimos que de fato o verbo se relaciona à dimensão do comprometimento tendo em vista ocorrer em situações em que o falante marca suas reservas, de modo que parece preferir sinalizar a natureza inferencial do modo de obtenção do conhecimento. Isso poderia constituir um dos motivos pelos quais seus usos não sinalizam para a fonte subjetiva. No entanto, o verbo *imaginar* também interagiu com a dimensão do comprometimento e mesmo assim apresentou a realização de um pronome dativo, inclusive em um uso criativo do verbo (caso de expressão da *Percepção de evento*), onde essa subjetividade se faz ainda

¹³ Com base nos referidos autores, a subcategoria evidencial *Percepção de evento* implica simultaneidade entre os tempos da percepção e da realização do *Estado-de-Coisas* percebido. Essa terminação verbal finita indica simultaneidade com o tempo absoluto marcado pelo verbo de cognição.

mais presente. Com base nos achados de Grajales Alzate (2016:354), em que, na variedade do espanhol analisada, todos os casos de *imaginar* aparecem com o pronome, a própria semântica do verbo *imaginar* poderia explicar essa marcação adicional do caráter subjetivo da fonte, muito embora não tenha sido tão expressiva em nossos dados, considerando que 64,3% dos usos evidenciais de *imaginar* ocorreram com a omissão do pronome.

Quanto aos casos em que o falante opta por não focalizar a fonte pessoal, os dados nos fazem refletir se não seria a interação com a modalidade epistêmica nos usos evidenciais de *imaginar* capaz de explicar parcialmente essa omissão, considerando que apenas 20% dos casos de expressão da modalidade no escopo do verbo ocorreram com a realização pronominal, sendo a preferência pela omissão, conforme a Tabela 6.

Tabela 7. Realização pronominal *versus* Modalidade epistêmica no *escopo*

		Modalidade epistêmica no <i>escopo</i>				Total	
		Sim		Não			
		N	%	N	%	N	%
Realização pronominal	Com ambos (pessoal e dativo)	0	0,0%	1	11,1%	1	7,1%
	Com pronome dativo	1	20,0%	3	33,3%	4	28,6%
	Sem pronome	4	80,0%	5	55,6%	9	64,3%
Total		5	100,0%	9	100,0%	14	100,0%

Embora a tendência geral seja pela omissão do pronome, parece-nos que, quando ocorre essa interação com a modalidade, que, como já discutimos, acaba por trazer a dimensão do comprometimento à tona, o falante tende a focalizar bem menos a fonte pessoal, comparado aos casos em que essa interação não ocorre.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo elucidou algumas características evidenciais dos verbos de cognição *suponer* e *imaginar*, no espanhol. Mostramos que esses verbos se diferem quanto às funções evidenciais que desempenham: (i) *suponer* veiculou exclusivamente *Inferências*; (ii) *imaginar*, de outro modo, expressou todas as subcategorias do *NR*. Discutimos também um emprego parentético de *suponer* em que o verbo parece estar expressando *Reportatividade*, à vista do efeito alcançado com a escolha de uma fonte *Participante* com características de grupo que contém o *Falante*.

Evidenciamos alguns aspectos da *Formulação* que aproximam esses verbos, como a prevalência da localização temporal *presente* e a aparente interação com a dimensão do comprometimento e sobreposição dos valores evidenciais e epistêmicos nos usos de *suponer* e *imaginar*. Essa interação pode ser descrita em termos de uma avaliação da possibilidade de ocorrência do evento contido no *Conteúdo Proposicional*, o que aponta para um resguardo do falante com relação às informações que veicula. Em um uso evidencial de *suponer*, verificamos a marcação efetiva da (in)certeza epistêmica, exemplificada em (16), no qual encontramos, também, a avaliação da possibilidade de ocorrência do *Episódio*, mediante um auxiliar modal epistêmico, o que ilustra a associação desse verbo com a dimensão do comprometimento.

Na operação de *Codificação*, evidenciamos a codificação da modalidade epistêmica mediante diferentes tempos verbais e, em menor número, auxiliares modais nas encaixadas. Constatamos também que diferenças semânticas em termos de valores evidenciais são refletidas na codificação. Essa distinção esteve associada ao subtipo *Percepção de evento*. Por fim, verificamos que parece existir uma relação entre omissão do pronome e interação com a modalidade epistêmica nos usos evidenciais de *imaginar*. São necessários mais estudos que tratem de um número maior de ocorrências para ver se de fato essa relação se comprova.

Referências

- Aijón Oliva, Miguel Ángel & María José Serrano. 2010. El hablante en su discurso: expresión y omisión del sujeto de *creo*. *Oralia: Análisis del discurso oral* 13. 7-38, https://pdfs.semanticscholar.org/3300/ec526a2fe89cb143091dcc9956d8709b113c.pdf?_ga=2.103979331.2119558840.1563490339-701305427.1563490339 (25 de abril de 2019).
- Aikhenvald, Alexandra Y. 2004. *Evidentiality*. New York: Oxford University Press.
- Andersen, Hanne L. 2007. Marqueurs Discursifs Propositionnels. *Langue Française* 154. 13-28, <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2007-2-page-13.htm> (05 de maio de 2020).
- Bermúdez, Fernando W. 2005. *Evidencialidad: La codificación lingüística del punto de vista*. Estocolmo, SE: Universidade de Estocolmo dissertation.
- Boye, Kasper. 2012. *Epistemic Meaning: a crosslinguistic and functional-cognitive study*. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG.
- Cappelli, Gloria. 2007. *"I Reckon I Know How Leonardo Da Vinci Must Have Felt...": Epistemicity, Evidentiality and English Verbs of Cognitive Attitude*. Pari: Pari Publishing.
- Comesaña, Susana M. 2002. Los verbos de conocimiento en español: caracterización sintáctica. *Verba: Anuario Galego de Filoloxía* 29. 243-260, <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/3369> (21 de fevereiro de 2020).
- Dall'Aglio-Hattner, Marize M. & Kees Hengeveld. 2016. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. *Journal Of Portuguese*

- Linguistics 15(1). 11-14, <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5637/> (12 de fevereiro de 2020).
- Dendale, Patrick & Liliane Tasmowski. 2001. Introduction: evidentiality and related notions. *Journal of Pragmatics* 33(3). 339-348, <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216600000059> (27 de abril de 2019).
- Estrada, Andrea M. 2013. Panorama de los estudios de la evidencialidad en el español: teoría y práctica. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo.
- Fraser, Bruce. Conversational mitigation. 1980. *Journal of Pragmatics* 4(4). 341-350, https://www.researchgate.net/publication/232354760_Conversational_mitigation (25 de março de 2020).
- Garcia, Talita S. & Erotilde G. Pezatti. 2013. Orações concessivas independentes à luz da gramática discursivo-funcional. *Alfa* 57(2). 475-494, <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5151/0> (28 de junho de 2023).
- González Ruiz, Ramón. 2015. Los verbos de opinión entre los verbos parentéticos y los verbos de rección débil: aspectos sintácticos y semántico-pragmáticos. *Círculo de Lingüística Aplicada A La Comunicación* 62. 148-173, <https://revistas.ucm.es/index.php/CLAC/article/view/49502/46067> (19 de abril de 2019).
- Grajales Alzate, Róbinson. 2016. Los verbos de actitud proposicional como estrategias evidenciales en el español de Medellín. *Lingüística y Literatura* 69. 339-361, <https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/lyl/article/view/26681/20780104> (15 de abril de 2019).
- Hengeveld, Kees & Rafael Fischer. 2018. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. *Open Linguistics* 4(1). 328-355, <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2018-0018/html> (22 de junho de 2021).
- Hengeveld, Kees & Marize M. Dall'Aglio Hattner. 2015. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics* 53(3). 479-524, https://www.researchgate.net/publication/276157738_Four_types_of_evidentiality_in_the_native_languages_of_Brazil (14 de abril de 2019).
- Hengeveld, Kees & J. Lachlan Mackenzie. 2008. *Functional Discourse Grammar. A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Hennemann, Anja. 2012. The epistemic and evidential use of Spanish modal adverbs and verbs of cognitive attitude. *Folia Linguistica: Acta Societatis Linguisticae Europaeae* 46(1). 133-170, https://www.researchgate.net/publication/274276677_The_epistemic_and_evidenti

[al_use_of_Spanish_modal_adverbs_and_verbs_of_cognitive_attitude](#) (10 de maio de 2019).

- Hennemann, Anja. 2016. El marcador (yo) pienso (que) y sus diferentes funciones. *Promptus – Würzburger Beiträge zur Romanistik* 2. 99-120, https://opus.bibliothek.uni-wuerzburg.de/opus4wuerzburg/frontdoor/deliver/index/docId/16162/file/Hennemann_promptus_Band2_2016.pdf (26 de fevereiro de 2020).
- Prata, Nadja P. P. & Renata P. Vidal. 2022. Usos Evidenciales de Saber em Espanhol à Luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Confluência* 63. 392-423, <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/531> (2 de fevereiro de 2023).
- Real Academia Española. 2009. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Libros.
- Real Academia Española. Banco de datos (CORPES XXI) [en línea]. Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES), <https://apps2.rae.es/%20CORPES/%20org/publico/pages/consulta/entradaCompleja.view> (25 de setembro de 2019).
- Reyes, Graciela. 1994. *Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos*. Madrid: Arco libros.
- Saeger, Bram de. 2007. Evidencialidad y modalidad epistémica en los verbos de actitud proposicional en español. *Interlingüística* 17. 268-277, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2316804> (19 de abril de 2019).
- Schneider, Stefan. 2007. Reduced parenthetical clauses in Romance languages: A pragmatic typology. Em Nicole Dehé & Yordanka Kavalova (eds.), *Parentheticals*, 237-255. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company.
- Schwanenflugel, Paula J., William V. Fabricius, Caroline R. Noyes, Kelleigh D. Bigler & Joyce M. Alexander. 1994. The organization of mental verbs and folk theories of knowing. *Journal of Memory and Language* 33(3). 376-395, <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0749596X84710187> (14 de novembro de 2019).
- Urmson, James O. *Parenthetical Verbs*. 1952. *Mind* 61(244). 480-496, <https://www.jstor.org/stable/2251029> (05 de maio de 2020).